

## Estudo pessoa-processo-contexto da qualidade das interações entre mãe-adolescente e seu bebê

A person-process-context study of the quality of interactions between the teenage mother and her baby

Marc Bigras <sup>1</sup>  
Daniel Paquette <sup>2</sup>

**Abstract Objective:** *To understand the transmission mechanisms of psychosocial difficulties prompted by teenage mother and baby interactions. The hypothesis is that the quality of the mother-child exchanges relies on linked with the characteristics of the mother, such as being abused and poor preparation for motherhood, as well as the characteristics of the child. Method: Direct observation of the quality of exchanges between 97 primipara adolescents and their four month old babies. The teens were 13-18 years old, in the 26<sup>th</sup> week of pregnancy, from four homes run by the Youth Center in Montréal and Rosalie-Jetté School. They completed questionnaires on their preparation for motherhood and histories of emotional abuse. Results: The lack of knowledge (during pregnancy) on the development and types of care needed by babies is linked with insensitive maternal exchanges with the four month old child. An interactive effect was seen between the characteristics of the mother and baby. Conclusion: The interaction between the characteristics of the mother and her baby may trigger a negative feedback cycle that will hamper harmonious interpersonal relationships to an increasing extent over time, noted most frequently when the partners react to adversity, being less able to soothe the exchanges.*  
**Key words** *Adolescent mother, Mother-baby interactions, Direct observations, Psychosocial development*

**Resumo Objetivo:** *entender os mecanismos de transmissão das dificuldades psicossociais, diante dos processos de interação entre a mãe-adolescente e filho. A hipótese é que a qualidade das trocas mãe-filho depende de fatores de riscos associados às características da mãe e características da criança. Método: observação direta da qualidade das trocas entre 97 adolescentes primíparas e filhos, de 4 meses de idade. As adolescentes estavam na faixa de 13-18 anos na 26<sup>a</sup> semana de gravidez. As gestantes completaram questionários relativos à preparação à maternidade e história de abusos emocional. Resultados: a falta de conhecimentos sobre o desenvolvimento e a natureza dos cuidados dispensados à criança está associada a trocas maternas insensíveis com a criança aos 4 meses. Observou-se um efeito de interação entre as características da mãe (conhecimentos da maternidade e abuso sexual antes do seu nascimento) e o sexo do bebê. Conclusão: estes efeitos de interação entre as características da mãe e de seu filho podem favorecer o ciclo de reciprocidade negativa que, com o tempo, interfere cada vez mais em relações interpessoais harmoniosas, mais frequentemente observado quando os parceiros são reativos perante a adversidade, os quais estão em menor condições de pacificar as trocas.*  
**Palavras-chave** *Mãe-adolescente, Interações mãe-bebê, Observações diretas, Desenvolvimento psicossocial*

<sup>1</sup> Université du Québec à Montréal. Case postale 8888, succursale Centre-ville Montréal Québec H3C 3P8 Canada.  
bigras.marc@uqam.ca

<sup>2</sup> IRDS. Institut de Recherche pour le développement social des jeunes, IRDS, 1001 de Maisonneuve est, 7<sup>e</sup> étage. Montréal Québec H2L 4R5.

## Introdução

As mães-adolescentes estão com alto risco de maltratar seus filhos já que, freqüentemente, elas não têm à sua disposição todos os recursos (pessoais, sociais e econômicos) necessários a uma adequada adaptação da situação diante da maternidade precoce e de tudo que esta condição implica. Assim, muitas delas são pobres e com nível baixo de escolaridade, vivem em condições de estresse crônico e têm uma rede social limitada de apoio<sup>1</sup>. Além disso, freqüentemente, mães-adolescentes têm histórias de maus-tratos<sup>2</sup>, tendendo a sofrer de depressão e a manifestar mais sintomas de distúrbios de conduta, em relação às mães adultas, o que representa fator de risco para maus-tratos<sup>3</sup>.

Em conseqüência destas circunstâncias, combinando com o fato de não terem concluído seu próprio desenvolvimento, as mães-adolescentes estão, provavelmente, menos aptas a cuidar adequadamente de seus filhos. Pesquisadores têm mostrado que mães-adolescentes são precisamente menos sensíveis e menos responsivas aos seus filhos, interagem negativamente com eles<sup>4</sup>, mostram-se mais intolerantes e inclinadas a usar a punição física<sup>5,6,7</sup>, em relação às mães adultas. As mães-adolescentes também tendem a ter limitado conhecimento do desenvolvimento da criança, das práticas dos pais<sup>7,8</sup>, assim como são mais inclinadas a descrever seus filhos como tendo um temperamento difícil<sup>9</sup>. Em suma, as mães-adolescentes, por conta das circunstâncias e história de vida, estão em situação de risco no que tange à negligência e/ou abuso de seus filhos, os quais se encontram expostos a um alto risco para desenvolver desordens de comportamento e conduta.

Sabe-se que os comportamentos dos pais têm um papel central na predição de problemas de comportamento de crianças. A sensibilidade dos pais é considerada uma das dimensões mais importantes do comportamento destes<sup>10</sup>. A sensibilidade dos pais é a habilidade do pai de perceber e interpretar os sinais da criança e de responder pronta e apropriadamente às necessidades desta. Estudos apontam a associação entre um relacionamento passivo e pouco responsivo materno, durante o primeiro ano da vida da criança, e externalização e internalização subsequentes de comportamentos em crianças pré-escolares<sup>11</sup>. Além disso, pesquisas têm mostrado que a sensibilidade parental é um dos melhores preditores da qualidade do “apego”<sup>12</sup>, que por sua vez tem se mostrado com preditor da competência

social, da externalização de comportamentos no pré-escolar e em crianças escolares, dependência dos adultos, retraimento social, passividade, submissão aos pares<sup>13</sup>.

A maternidade na adolescência constitui uma condição propícia à transmissão intergeracional das inaptações psicossociais, porque a mãe jovem, como nós temos visto, apresenta a desvantagem de dificuldades psicossociais, as quais representam riscos para seus filhos, comparadas às mães adultas. Entretanto, o processo de transmissão permanece obscuro: os estudos previamente citados freqüentemente comparam as mães-adolescentes às outras mães, sobre aspectos relacionados às suas dificuldades pessoais, sem levar em conta os aspectos da criança. Ora, é possível que mães-adolescentes sejam especialmente negligentes ou hostis com o seu filho apenas quando este apresenta um temperamento difícil ou reativo.

Para abordar um jogo complexo de fatores causais, adotaremos o modelo “pessoa-processo-contexto” que se inspira nos estudos sobre a ecologia familiar de Bronfenbrenner e colaboradores<sup>14</sup>, segundo a qual o impacto de qualquer fator nos processos internos familiares, como a interação mãe-bebê, depende das características das pessoas em casa e do contexto. Por exemplo, Bronfenbrenner<sup>15</sup> cita estudos que sugerem o efeito negativo do trabalho materno fora de casa (contexto social) nos meninos e contrariamente um efeito positivo nas meninas (característica pessoal) dado que, graças à identificação sexual (processo familiar), as meninas desenvolvem uma percepção positiva dos papéis femininos propostos pela sua mãe, o que favorece o seu sentido da autonomia. Neste sentido, Bigras e Lafreniere<sup>16</sup> e Bigras e Paquette<sup>17</sup> observaram que a interação difícil entre mães e crianças de idade pré-escolar (processo familiar) com efeito estava associada à pobreza das mães (contexto); contudo, muito mais evidente para os meninos, em relação às meninas (característica pessoal).

No presente estudo, nos deteremos precisamente na compreensão dos mecanismos de transmissão das dificuldades, diante dos processos de interações entre a mãe-adolescente e o filho. A hipótese geral deste estudo é que a qualidade das trocas entre mãe e filho depende, ao mesmo tempo, dos fatores de riscos associados às características da mãe, como por exemplo ter vivenciado abusos e sua precária preparação para assumir a maternidade, assim como das características da criança.

## Método

Este foi um estudo de observação direta da qualidade das trocas entre 97 adolescentes primíparas e seus filhos, lactentes de 4 meses de idade, os quais fizeram parte de um estudo prévio sobre predição de agressão, desenvolvido com crianças de até 24 meses de idade, pelo Institut de recherche pour le développement social des jeunes - IRDS. Estas adolescentes encontravam-se na faixa etária de 13 a 18 anos, em média, na 26ª semana de gravidez e foram recrutadas dos quatro lares de acolhimento do Centre jeunesse de Montréal, bem como da Escola Rosalie-Jetté.

### Medidas pré-natais

Durante a gravidez, as participantes completaram os questionários, relativos à sua preparação para a maternidade (conhecimentos e atitudes) e a sua história de abusos emocionais.

### Nível de preparação à maternidade (NPM)

A fim de avaliar este nível de preparação à maternidade (NPM), foi calculado um índice, adicionando os escores z de quatro escalas inter-relacionadas entre o conhecimento e as atitudes das futuras mães, quanto à educação do filho. Estas escalas são baseadas do Adult-Adolescent Parenting Inventory<sup>18</sup> e no Knowledge of Infant Development Inventory<sup>19</sup>.

Um resultado elevado no NPM sugere que a respondente tenha um bom conhecimento do desenvolvimento da criança e das práticas parentais adequadas, assim como aponta para o favorecimento da empatia com a criança e desencorajamento para utilização da punição física. Para fins de um estudo sobre as interações entre os fatores de risco, o escore total do NPP foi dividido em duas partes, com a finalidade de obter um grupo de adolescentes abaixo da média (fraca preparação à maternidade) e um grupo acima da média (preparação elevada à maternidade).

### Abuso emocional (CTQ)

A história de maus-tratos durante a vida das mães-adolescentes do estudo foi avaliada com o *Childhood Trauma Questionnaire* (CTQ), desenvolvido por Bernstein, Fink, Handelsman e Foote<sup>20</sup>, que compreende setenta itens, com uma escala de tipo *Likert* com cinco escolhas de resposta (1 = “nunca verdadeiro” 5 = “muito frequentemente verdadeiro”). O CTQ foi elaborado a partir de uma revisão detalhada da documentação sobre maus-tratos, assim como da experiên-

cia com uma entrevista estruturada, o *Childhood Trauma Interview*, desenvolvido pelos mesmos autores. As análises de Bernstein *et al.*, com uma amostra de 286 pacientes com problema de dependência ao álcool ou outra droga, permitem formar quatro fatores, seja o abuso físico e emocional, a negligência emocional, a negligência física e o abuso sexual.

No âmbito do presente estudo, apenas a escala de abusos emocional foi utilizada. O abuso emocional está ligado a ataques verbais relativos ao valor da criança como pessoa ou o seu sentimento de bem-estar, bem como a qualquer comportamento que humilha, diminui ou ameaça dirigido à criança por uma pessoa mais idosa. Todas as adolescentes da nossa amostra responderam ao CTQ quando estavam grávidas do primeiro filho. As investigações anteriores demonstraram a validade dos instrumentos retrospectivos para trazer a história de abusos e de negligência<sup>21,22</sup>.

O CTQ foi traduzido em francês e validado por Paquette, Laporte, Bigras e Zoccolillo<sup>23</sup>. A consistência interna das escalas foi excelente, quando avaliada pelos alfas de Cronbach, com variação entre 0,79 e 0,94. A estabilidade temporal das escalas também foi excelente, quando avaliada através da correlação de Pearson, com doze pessoas, duas testagens do questionário com três semanas de intervalo, variando entre 0,76 e 0,96. Para estabelecer a presença ou não de uma história de maus-tratos, Paquette *et al.* recorreram a cinco juízes especializados em maus-tratos, os quais julgaram o risco para a criança, em cada um dos itens. Para fins de estudo sobre as interações entre os fatores de risco, a escala de abuso emocional foi dividida em duas, para obter um grupo de adolescentes sob a média de abusos (fraco) e um grupo acima a média de abuso emocional (elevado).

### Medidas pós-parto

#### Qualidade das trocas mãe-filho

Para cada uma das duplas *mãe-filho*, uma assistente estendeu um tapete no chão e pediu à mãe que colocasse seu bebê, que sentasse perto dele e que brincasse com ele, como habitualmente, utilizando ou não os brinquedos, de acordo com a sua preferência. Todas as duplas foram filmadas em vídeo, durante cinco minutos de jogo livre, na presença de uma dezena de pequenos brinquedos. As duplas mãe-adolescente/filho foram filmadas numa sala da Universidade de Montréal, quando o seu filho atingiu a idade de 4 meses (X=4,4; E.-T.=0,4; variando entre 3,3 e 6,2

meses). Em seguida, a sensibilidade materna foi codificada, pelas mesmas duas assistentes, utilizando a escala de P. Crittenden, conhecida sob o nome de "Care-Index"<sup>24</sup>.

Esta escala pode ser utilizada com crianças, na faixa entre 0 e 24 meses, podendo a dupla ser observada e avaliada, tanto num contexto de laboratório quanto no domicílio dos pais. A codificação compõe as sete dimensões seguintes: a expressão facial, a expressão vocal, a posição e o contacto corporal, a expressão de afeição, a contingência dos comportamentos, o controle e, por último, a escolha das atividades. É possível gerar três escalas para a mãe (sensibilidade, controle e indiferença, cuja soma deve sempre contabilizar um escore total de 14; assim como gerar quatro escalas para a criança (cooperação, dificuldade, passividade e acomodação compulsiva), cujo total deve também somar 14 (ou seja, 2 pontos por dimensão).

As escalas são, por conseguinte, claramente dependentes umas das outras. A sensibilidade refere às habilidades do pai de procurar conforto para o filho e permitir uma troca recíproca que seja agradável. O controle não é definido no sentido de uma prática parental normativa, onde se impõe regras e limites à criança<sup>25</sup>, mas faz-se antes referência à utilização pelo pai de comportamentos intrusivos, sobre-estimulantes e não sensíveis ao estado afetivo do lactente. A indiferença está ligada a comportamentos parentais sub-estimulantes, tanto no plano do afetivo, como no plano das respostas aos sinais emitidos pela criança. A fidelidade inter-juiz é de boa à excelente: as correlações intra-classe obtidas para cada uma das sete escalas variam de 0,84 a 0,95 para a amostra de mães-adolescentes, e de 0,82 a 0,97 para a amostra de mães adultas.

## Resultados

Com o objetivo de determinar como a qualidade das trocas mãe-filho pode ser afetada pelas características de cada um dos parceiros, foi testado, através de ANOVA, os efeitos simples e de interações do sexo da criança, do nível de preparação para a maternidade (parentalidade) (NPM) e do abuso emocional vivenciado pela mãe. Os resultados observados em laboratório indicaram que a sensibilidade da mãe foi mais importante para os meninos do que para as meninas e para as mães melhor preparadas ao seu papel diante da maternidade (Tabela 1). O efeito da interação se apresentou no limite do nível de significância

e caminhou no sentido do qual as mães seriam mais sensíveis com os meninos e quando são melhor preparadas à maternidade. Resultados similares são observados para os comportamentos de controle da mãe. Os comportamentos de controle foram menos elevados com os meninos, comparado às meninas e também quando a mãe estava melhor preparada para a maternidade.

A observação dos comportamentos da criança e trocas com a mãe indicou que as meninas são mais cooperadoras que os rapazes e que as mães que são bem preparadas têm filhos mais cooperadores. Além disso, um efeito de interação significativa foi observado: as meninas foram mais cooperadoras com a sua mãe quando essas eram menos preparadas para a maternidade.

No que diz respeito às relações entre o passado de abusos emocional da mãe e a qualidade das trocas entre a mãe e o filho, de acordo com o sexo deste último, o padrão de resultados foi diferente (Tabela 2). Assim, parece que as mães que foram classificadas como indiferentes com o filho foram as que revelaram ter vivido abuso emocional. Os resultados, apesar de não terem sido significantes, indicaram tendências interessantes: as mães que traziam histórias de serem abusadas emocionalmente tinham filhos mais passivos, assim como as meninas apresentaram-se mais difíceis quando as mães eram menos sensíveis ou quando traziam história de ter vivido o abuso emocional.

Com a finalidade de conhecer se estes dados podem ser interpretados como fenômenos relativamente independentes, procedeu-se à correlação das duas escalas dos conceitos de abuso emocional e a preparação à maternidade, resultados que não revelaram significância estatística (- 0,17, *p* 0.05).

## Discussão

O presente estudo tem por objetivo explicar a qualidade das trocas entre mães-adolescentes e seus filhos lactentes, considerando os fatores de risco associados. Sabe-se que a falta de conhecimentos necessários para ser pai, uma característica dos adolescentes, constitui um risco para o desenvolvimento da criança. É conhecido igualmente que mães-adolescentes que viveram situações de abusos na sua infância, em relação às outras mães, apresentam risco quanto à qualidade dos cuidados dispensados ao próprio filho. Entretanto, é a combinação entre estes fatores de risco da mãe e as características da criança que é menos conhecida. Assim, aplicando a abordagem

**Tabela 1.** Médias obtidas sobre escalas de observação da mãe com os seus filhos (meninos ou meninas), de acordo com o nível fraco ou elevado de preparação à maternidade, antes do nascimento da criança.

|                         | Sexo    |                              | Post-hoc   |
|-------------------------|---------|------------------------------|--|
|                         | Meninos | Meninas                      |  |
| Prontidão à maternidade |         | Mãe sensível                 |  |
| Fraca                   | 4,89    | 4,71                         | sexo x prontidão <sup>t</sup><br>prontidão* sexo   |
| Elevada                 | 7,53    | 5,18                         |  |
|                         |         | Mãe controladora             |  |
| Fraca                   | 5,79    | 6,94                         | prontidão* sexo <sup>t</sup>                       |
| Elevada                 | 4,13    | 5,65                         |  |
|                         |         | Mãe indiferente              |  |
| Fraca                   | 3,32    | 2,35                         |  |
| Elevada                 | 2,33    | 3,15                         |  |
|                         |         | Criança cooperadora          |  |
| Fraca                   | 4,75    | 7,73                         | sexo x prontidão*<br>prontidão* sexo*              |
| Elevada                 | 4,29    | 4,35                         |  |
|                         |         | Criança difícil              |  |
| Fraca                   | 2,50    | 1,67                         | sexo x prontidão <sup>t</sup><br>sexo <sup>t</sup> |
| Elevada                 | 2,53    | 3,12                         |  |
|                         |         | Criança obediente-compulsiva |  |
| Fraca                   | 3,07    | 1,66                         | prontidão <sup>t</sup>                             |
| Elevada                 | 3,82    | 2,74                         |  |
|                         |         | Criança passiva              |  |
| Fraca                   | 3,68    | 3,00                         |  |
| Elevada                 | 3,35    | 3,77                         |  |

t &lt;0,10; \* &lt;0,05.

**Tabela 2.** Médias obtidas sobre escalas de observação da mãe com o seu filho (menino ou menina), de acordo com o nível fraco ou elevado de abuso emocional vivido antes do nascimento da criança.

|                 | Sexo    |                              | Post-hoc                                       |
|-----------------|---------|------------------------------|--|
|                 | Meninos | Meninas                      |  |
| Abuso emocional |         | Mãe sensível                 |  |
| Fraco           | 6,59    | 4,41                         | sexo x abuso <sup>t</sup>                      |
| Elevado         | 5,06    | 5,46                         |  |
|                 |         | Mãe controladora             |  |
| Fraco           | 5,35    | 7,14                         |  |
| Elevado         | 5,61    | 5,23                         |  |
|                 |         | Mãe indiferente              |  |
| Fraco           | 2,06    | 2,46                         | abuso*   |
| Elevado         | 3,33    | 3,27                         |  |
|                 |         | Criança cooperadora          |  |
| Fraco           | 6,59    | 3,68                         |  |
| Elevado         | 5,22    | 4,68                         |  |
|                 |         | Criança difícil              |  |
| Fraco           | 1,82    | 3,46                         | sexo <sup>t</sup><br>sexo x abuso <sup>t</sup> |
| Elevado         | 2,50    | 2,50                         |  |
|                 |         | Criança obediente-compulsiva |  |
| Fraco           | 2,82    | 3,77                         |  |
| Elevado         | 2,72    | 2,55                         |  |
|                 |         | Criança passiva              |  |
| Fraco           | 2,77    | 3,09                         | abuso <sup>t</sup>                             |
| Elevado         | 3,56    | 4,23                         |  |

t &lt;0,10; \* &lt;0,05.

de Bronfenbrenner para melhor compreender o comportamento humano, estamos analisando, no presente estudo, os efeitos de interação das variáveis associadas às mães e respectivos filhos.

Os resultados do presente estudo, sobre os principais efeitos das características maternas, corroboram estudos precedentes. A falta de preparação à maternidade, ou seja, a falta de conhecimento (durante a gravidez) sobre o desenvolvimento e a natureza dos cuidados dispensados à criança, está associada a trocas maternas insensíveis com a criança aos 4 meses. As mães-adolescentes menos bem preparadas têm igualmente comportamentos mais controladores e seus filhos são mais cooperadores, como pudemos observar em laboratório. As análises revelam igualmente tendências que vão geralmente no mesmo sentido: quanto menos as adolescentes são preparadas para o nascimento da criança, mais os seus filhos de quatro meses têm comportamentos difíceis ou, ainda, são mais obedientes-compulsivos que as outras crianças do estudo.

Estes resultados sugerem que a falta de preparação das adolescentes lhes conduz à mal interpretação do seu lactente, o que leva a duas formas de trocas com o seu filho: uma resposta incoerente aos sinais (insensibilidade) ou uma resposta em função do próprio ritmo ou necessidades (controle) da mãe.

Os resultados da presente pesquisa corroboram igualmente as conclusões de outros estudos, constatando associações entre o passado emocional difícil das adolescentes e as dificuldades com os seus filhos. Assim, os resultados deste estudo revelam que as mães-adolescentes abusadas emocionalmente no seu ambiente são mais indiferentes aos sinais do bebê do que as outras mães. Tendências estatísticas vão igualmente no mesmo sentido: as mães com um nível elevado de abuso emocional são menos sensíveis com meninas (menos coerentes, menos estáveis) e têm filhos mais difíceis ou mais passivos. Neste estudo, como não houve relação significativa entre a preparação à parentalidade, um aspecto cognitivo da maternidade e o abuso emocional, pode-se então sugerir que as trocas difíceis seriam também explicáveis tanto por perturbações afetivas, como cognitivas que impedem essas mães de ser atentas aos seus filhos.

A observação da relação entre o sexo da criança e a qualidade das trocas com a sua mãe contribui para o debate controverso. Contudo, é necessário constatar que, no presente estudo, esta relação foi limitada às meninas lactentes de 4 meses, as quais foram mais cooperadoras com as suas

mães e estas seriam mais sensíveis com os meninos. Tendências também foram observadas para os meninos, onde eles foram mais difíceis e tiveram uma mãe menos controladora.

Outros estudos observaram este tipo de diferença de práticas parentais, de acordo com o sexo da criança. Entretanto, habitualmente, isto refere-se a práticas de socialização com crianças mais velhas, onde, por exemplo, os pais teriam tendência a ser mais permissivos com certas turbulências dos meninos e mais exigentes com os comportamentos mais sábios das meninas. Seja como for, estas diferenças referem-se, sobretudo, a crianças mais velhas e os resultados não são constantes entre os estudos<sup>16,17</sup>.

Acredita-se que é mais relevante considerar o efeito possível do sexo da criança em combinação com as características dos pais para melhor compreender a qualidade das trocas entre si. Trata-se da proposta original deste estudo e os resultados sugerem com efeito uma interação entre estas variáveis. Precisamente, observou-se que as meninas são mais cooperadoras do que os meninos, sobretudo quando a sua mãe tem menos conhecimentos sobre a parentalidade (maternidade), antes do seu nascimento. Outras tendências foram observadas para interações similares, entre os fatores de risco: as meninas foram mais difíceis com mães mais bem preparadas, ao mesmo tempo que as mães foram mais sensíveis, sobretudo, com o seu menino, quando melhor preparadas à maternidade.

Algumas tendências foram observadas, igualmente; as mães que pareceram mais sensíveis com os seus meninos foram aquelas que menos tinham sofrido abusos emocionais e esses meninos eram também menos passivos. Por conseguinte, seria a conjunção dos fatores pessoais da criança (sexo) e da mãe (fraca preparação e história pessoal difícil) que explicaria as trocas interpessoais a risco para o desenvolvimento da criança. Esta informação é importante, pois considera que a falta de sensibilidade da mãe, assim como elevados níveis de controle e de indiferença, são muito bons preditores de um apego desorganizado com a mãe e, conseqüentemente, mais fraca adaptação físico-social à idade escolar e pré-escolar.

Estes efeitos de interação revelam, provavelmente, o ciclo de reciprocidade negativa de um fenômeno social amplamente observado nas relações familiares ou extra-familiares perturbadas<sup>26</sup>. Este ciclo de trocas que, através do tempo, interfere cada vez mais em relações interpessoais harmoniosas, é mais freqüentemente observado

quando os parceiros são reativos perante a adversidade, os quais estão em menores condições de pacificar as trocas. Por exemplo, foi observado que, em outros estudos com crianças mais velhas, as mães pressionadas tiveram trocas mais difíceis com os meninos, comparado às meninas. Com efeito, a mãe pressionada (pobreza, conflito conjugal) teria mais comportamentos adversos (controle, negligência, entre outros) com os seus filhos, mas como o menino seria mais reativo que a menina, isto funcionaria para ampliar o seu estresse, que conduziria a mais comportamentos aversivos e assim à seqüência de eventos. Quanto às meninas, reagiriam mais positivamente ao controle e à disciplina mais forte da sua mãe. Os resultados do presente estudo apontam, contudo, informações complementares. Observou-se que as características favoráveis da mãe encontravam-se associadas positivamente à qualidade das suas trocas com o seu filho, sobretudo com o menino.

### **Alcances e limites do estudo**

As interpretações deste estudo têm como base que uma boa parte dos resultados apontou o limite do nível da significância. Uma análise de potên-

cia estatística indica que a adição acima de 20-30 indivíduos pode conduzir à maior significância estatística. Contudo, os resultados significantes do presente estudo e a coerência dos outros resultados mostram um retrato global do que foi julgado conclusivo, quanto à pertinência de uma abordagem pessoa-processo-contexto, para a melhor compreensão de como se combinam os fatores de risco para o desenvolvimento dos filhos de mães-adolescentes.

Parece que diversos fatores de risco da mãe-adolescente, como o seu estado de saúde ou o da criança durante a gravidez, como os acontecimentos perinatais ou o temperamento do recém-nascido, deveriam ser incluídos num próximo estudo sobre as interações e a previsão das dificuldades de adaptação de crianças.

Os resultados apresentados aqui indicam claramente que a situação dos filhos de mães-adolescentes é significativamente melhor quando essas estão melhor preparadas ao processo da maternidade e quando não sofreram de abusos emocionais. Trata-se de fatores relacionados à resiliência, interessantes de serem considerados para a intervenção preventiva da inadaptabilidade social de crianças.

### **Colaboradores**

M Bigras e D Paquette participaram igualmente de todas as etapas da elaboração do artigo.

## Referências

1. Herrenkohl EC, Herrenkohl RC, Egolf BP, Russo MJ. The relationship between early maltreatment and teenage parenthood. *J Adolesc* 1998; 21:291-303.
2. Smith C. The link between childhood maltreatment and teenage pregnancy. *Social Work Research* 1996; 20(3):131-141.
3. Zoccolillo M, Meyers J, Assiter S. Conduct disorder, substance dependence, and adolescent motherhood. *Am J Orthopsychiatry* 1997; 67(1):152-157.
4. McAnarney ER, Lawrence RA, Ricciuti HN, Polley J, Szilagyi M. Interactions of adolescent mothers and their 1-year-old children. *Pediatrics* 1986; 78:585-590.
5. Baranowski MD, Schilmoeller GL, Higgins BS. Parenting attitudes of adolescent and older mothers. *Adolescence* 1990; 25(100):781-790.
6. Brooks-Gunn J, Furstenberg FF. The children of adolescent mothers: physical, academic, and psychological outcomes. *Dev Rev* 1986; 6(3):224-251.
7. Reis J. A comparison of young teenage, older teenage, and adult mothers on determinants of parenting. *Journal of Psychology: Interdisciplinary and Applied* 1989; 123(2):141-151.
8. Whitman TL, Borkowski JG, Schellenbach CJ, Nath PS. Predicting and understanding developmental delay of children of adolescent mothers: A multidimensional approach. *Am J Ment Defic* 1987; 92(1): 40-56.
9. Frodi A, Grolnick W, Bridges L, Berko J. Infants of adolescent and adult mothers: Two indices of socioemotional development. *Adolescence* 1990; 25(98):363-374.
10. Ainsworth MS, Blehar MC, Waters E, Wall S. *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Oxford, England: Lawrence Erlbaum; 1978.
11. Paulussen-Hoogeboom MC, Stams GJJM, Hermanns J MA, Peetsma TTD. Child negative emotionality and parenting from infancy to preschool: a meta-analytic review. *Dev Psychol* 2007; 43(2):438-453.
12. De Wolff MS, Van IJzendoorn MH. Sensitivity and attachment: a meta-analysis on parental antecedents of infant attachment. *Child Dev* 1997; 68(4):571-591.
13. Bakermans-Kranenburg MJ, Van IJzendoorn MH, Juffer F. Disorganized infant attachment and preventive interventions: a review and meta-analysis. *Infant Ment Health J* 2005; 26(3):191-216.
14. Bronfenbrenner U, Morris PA. *The bioecological model of human development*. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons Inc; 2006.
15. Bronfenbrenner U. Ecology of the family as a context for human development: research perspectives. *Dev Psychol* 1986; 22(6):723-742.
16. Bigras M, Lafrenière PJ. The influence of psychosocial risk, marital conflict, and parental stress on the quality of mother-son and mother-daughter interactions/ L'influence du risque psychosocial, des conflits conjugaux et du stress parental sur la qualité de l'interaction mère-garçon et mère-fille. *Canadian Journal of Behavioural Science* 1994; 26(2):280-297.
17. Bigras M, Paquette D. The interdependence between marital and parental subsystems: a person-process-context analysis/L'interdépendance entre les sous-systèmes conjugal et parental: Une analyse personne-processus-contexte. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* 2000; 16(2):91-102.
18. Bavolek SJ. Etiology of sexual abuse. In: Mouzakitis C M, Varghese R, editors. *Social work treatment with abused and neglected children*. Springfield, IL, England: Charles C Thomas Publisher; 1985. p. 80-99.
19. McPhee W. *Knowledge of infant development inventory: human development and family studies*. Colorado: Colorado State University; 1981.
20. Bernstein DP, Fink L, Handelsman L, Foote J. Initial reliability and validity of a new retrospective measure of child abuse and neglect. *Am J Psychiatry* 1994; 151(8):1132-1136.
21. Bifulco A, Brown GW, Lillie A, Jarvis J. Memories of childhood neglect and abuse: Corroboration in a series of sisters. *J Child Psychol Psychiatry* 1997; 38(3):365-374.
22. Spieker SJ, Bensley L, McMahon RJ, Fung H. Sexual abuse as a factor in child maltreatment by adolescent mothers of preschool aged children. *Dev Psychopathol* 1996; 8(3):497-509.
23. Paquette D, Laporte L, Bigras M, Zoccolillo M. Validation de la version francophone du CTQ et prévalence de l'histoire de maltraitance. *Sante Ment Que* 2004; 29(1): 201-220.
24. Crittenden PM. Coding manual of the Child-Adult Relationship Experimental Index (CARE-Index). Miami: Family Relation Institute; 2000. [Unpublished manual].
25. Baumrind D. Effects of authoritative control on child behavior. *Child Dev* 1966; 37(4):887-907.
26. Patterson GR. The early development of coercive family process. In: Reid JB, Patterson GR, Snyder J, editors. *Antisocial behavior in children and adolescents: a developmental analysis and model for intervention*. Washington, DC, US: American Psychological Association; 2002. p. 25-44.

Artigo apresentado em 03/01/2007

Aprovado em 08/02/2007

Versão final apresentada em 27/03/2007